

Reservas não caíram em novembro, diz Malan

O Brasil não perdeu reservas cambiais em novembro, o que mostra uma melhoria gradativa da situação do País desde outubro (quando perdeu-se US\$ 3 bilhões), disse o ministro da Fazenda, Pedro Malan. Nas palavras dele, setembro foi o "mês negro", com perdas de US\$ 21,5 bilhões. Comentando estes números, Malan lançou uma crítica veemente aos que insistem em duvidar da palavra do governo brasileiro, quando este garante que não vai mexer na política cambial. Para ele, uma das principais razões para o péssimo mês de setembro vivido pelo Brasil foi a circulação de boatos, sugestões e insinuações de que o Brasil desvalorizaria o real, imporia controles de capital e decretaria uma moratória, na esteira da crise russa.

A ofensiva de Malan contra os que duvidam da palavra do governo em termos de política cambial acontece em um momento interessante do ambiente financeiro da City londrina. Depois de um período em que o compromisso brasileiro em manter a política cambial era visto com uma dose razoável de ceticismo, a mensagem de Malan parece começar a ganhar crédito, mas sem ainda ter se convertido em uma certeza total.

Este momento de transição fica claro na última edição da prestigiada revista *The Economist*, uma das bíblias do mundo da alta finança. Em duas diferentes reportagens em que o Brasil é tema, a revista expõe sutis diferenças de ênfase sobre a credibilidade da política cambial brasileira. Na primeira, a revista diz que a maioria dos economistas acha que o Brasil precisa de uma "modesta desvalorização", e que, uma vez restaurada a calma, o País "pode — embora a equipe econômica diga que não — ajustar o seu sistema de taxas de câmbio". Na segunda, está dito que alguns analistas consideram que uma modesta desvalorização pode vir depois que o ajuste fiscal estiver implantado no início de 1999, mas que eles podem ficar desapontados.

Para Malan, este tipo de dúvida teve origem no desastre de setembro. Naquele mês, ele disse, "houve rumores, sugestões e apostas de que o Brasil estava prestes a anunciar uma maxidesvalorização, que estabeleceria controle da saída de capital e imporia uma moratória, com suspensão de pagamentos e reestruturação forçada da dívida externa".

Para o ministro, somente depois da reunião anual do FMI em Washington no final de setembro o Brasil conseguiu superar a situação criada, em substancial parte, pela onda de rumores. Mas Malan não minimizou a importância da resposta brasileira à turbulência, e o longo caminho a ser percorrido antes que o País possa considerar-se fora de perigo: "Estamos conscientes de que o que interessa é a nossa resposta em termos de política econômica doméstica, com a implementação total do programa de estabilidade fiscal assim como foi apresentado aos brasileiros e ao Congresso", disse.

(F.D.)